

TROPAS E TROPEIROS — UM RELEVANTE FATOR DA UNIDADE NACIONAL

J. PIRES BRAGA

Prof. da Universidade Católica do Paraná

O aspecto da unidade nacional brasileira é de molde a causar a mais forte impressão: admiração pelo passado e entusiasmo pelo porvir. O significado dessa maravilhosa e incomum unidade de língua, costumes, sentimentos e tradição, representa verdadeiro milagre.

Em um país territorialmente tão grande o fenômeno é impressionante. Tanto mais se considerarmos a sua formação ecológica — pois ocupamos quase dois hemisférios com zonas diversificadas: altitude, clima, vegetação, etc.

Evidentemente que esse surpreendente panorama resulta de causas convergentes para tão extraordinária concretização.

A História não apresenta multiplicidade de situações semelhantes. A regra parece ter sido mais a dispersão fragmentária, os desmembramentos, a secessão (v.g. o império colonial espanhol, na América que ruíu ante o domínio napoleônico na Metrópole). Do mesmo modo grandes impérios quais o Persa, Macedônio, Romano e Árabe, puderam manter-se à força do poderio militar

— por isso efêmero sempre, já que subsistiram em função apenas de um individuo resultando impraticável a perfeita integração das partes num todo, produzindo — para usar expressão química: "mistura" e não uma "combinação", quando através da comunhão de sentimentos.

Exemplo também surpreendente, quase só pode encontrar-se na Grécia, onde a unidade espiritual propiciou análogo painel guardadas as peculiaridades geográficas. A Grécia no seu conjunto — parte continental ou Héiade, peninsular (Peloponeso) e insular (ilhas do Mar Egeu), medindo pouco mais de 80.000 km²; o Brasil representado por enorme bloco continental de território contínuo com área de 8 milhões e meio de km².

Esse detalhe, entretanto, não vem ao caso comparativo apontado.

Lá, se a parte territorial propriamente dita era muito menor, a dispersão que a natureza geográfica acarretava era quase tão grande quanto aqui; com a agravante de que o grego, desde os primórdios, caracterizou-se por

uma peculiar noção íntima de liberdade e de autonomia tais que produziram acendrado individualismo característico do cidadão helênico. Avêso, portanto, a tãda sorte de submissão. Por isso mesmo infenso a quaisquer tipos de govêrno despótico — salvo limitados periodos de sua história.

Cumprê lembrar que as suas, como a generalidade das cidades da Idade antiga foram cidades-Estado, cuja jurisdição política abrangia por vêzes vasto território, continuo (p. ex. Babilônia, etc.) ou descontinuo (insular: Knosso etc.). Temos, assim, êstes caracteres dispersivos: indole independente; situação geográfica fracionada e autonomia política local.

A vista do exposto, o que explica ali a unidade, a uniformidade da civilização helênica?

Temos que o motivo principal — a par do feito próprio do grego de então, apaixonado pelas coisas do espirito — foi a admiração que o gênio intelectual em todos despertava.

Igualmente, como razão primordial — foram as Olimpíadas periódicas (1) após interlúdios preparatórios, geralmente bienais, dos povos nemeus, ístmicos ou piticos. O caráter das competições que nelas se realizavam foi realmente importante por que não sômente torneos esportivos (denominação de uso generalizado até os nosos dias) mas representavam o conagraamento de todos os cidadãos. A elas concorria todo o povo grego. Para ver ou atuar, falar ou ouvir, comprar, vender ou expor. Poetas recitavam as suas composições épicas

ou líricas; filósofos, as suas sentenças; os artistas expunham os seus trabalhos. Tôda a intelectualidade grega estava ali representada de "corpo inteiro" para viver e sentir o fruto do gênio de seus contemporâneos.

De qualquer forma o que importava era a presença para consagrar o gênio de seus mais qualificados representantes pela inteligência, pelo engenho ou pela arte.

Eram, pois, as Olimpíadas Feiras, verdadeiros mostruários de tudo quanto a Grécia produzia.

Dai por que constituíram o fator preponderante da unidade espiritual.

No tocante à unidade brasileira há muitos aspectos a apontar, dentre os quais se nos afiguram predominantes os seguintes:

I. A uniformidade da lingua indígena (tupi-guarani) determinou, pré-históricamente, a unidade brasileira (2).

A circunstância de o elemento tupi ocupar tôda a orla costeira do Brasil, onde naturalmente primeiro atingiria o elemento colonizador, foi de grande importância conforme o tempo demonstrou. Tanto é verdade que se é certo que os nomes dos acidentes da costa, batizados pelos portugueses eram designativos da nomenclatura cristã, mais para o interior prevaleceram os topônimos indígenas que, ao contato com os descobridores, iam indicando os acidentes pelas suas denominações sempre descritivas (3).

II. A atuação uniforme e inteligente dos Jesuítas na sua obra civilizadora de catequese. Através da "língua tupi" decifravam a alma do silvícola. Primeiros cultores do idioma nativo que tanto entusiasmo causou aos discípulos de Loyola, no Nôvo Mundo e que, do litoral, penetraram pelo Sertão. (4)

III. Instituição do Governo Geral em 1549. Não obstante a autonomia de cada uma das Capitánias centralizou a administração geral da Colônia, pois fôra criado para ser "a cabeça de cada uma" delas (5).

IV. Invasões Estrangeiras (francesa e holandesa) e as incursões inglêsas, quando por ocasião de sua expulsão coincidente com a dominação espanhola sôbre Portugal (1580 — 1640) D. João IV, da Restauração ante tão grandes dificuldades a enfrentar celebrou uma trégua com a Holanda, não obedecida pelos valerosos representantes de 3 raças e 4 povos diferentes: Vidal de Negreiros (brasileiro), Filipe Camarão (indígena), Henrique Dias (negro) e João Fernandes Vieira (português) numa unidade de pontos de vista, sentimento e patriotismo — que já se esboçava — como um símbolo, espelharam a Nação brasileira.

V. Entradas e Bandeiras (séculos XVI e XVII) cujos sertanistas afrontando tôda sorte de perigos "dilataram" a linha demarcadora de Tordesilhas, realizando a "conquista de fato" de 2/3 de nosso território.

VI. O Tratado de Madrid de 1750, orientado pelo gênio e pela

vidência de Alexandre de Gusmão então Ministro de D. João V, fazendo vitoriosa a tese da ocupação efetiva como fundamento de domínio ("uti possidetis"), consagrado depois pelo Direito Internacional Público, e que compelliu a Espanha ao reconhecimento de direito de uma situação de fato existente (conquista bandeirante).

VII. A Regência. Quando ao abdicar, D. Pedro I teve o alto senso de inteligência, esquecendo desentendimentos, deixou como tutor de seu filho a figura ímpar de José Bonifácio allada à circunstância de o Governo colegiado a princípio, uno depois, haver recaído em homens de envergadura moral e alto patriotismo. A frente o Pe. Feijó, primeiro como Ministro da Justiça durante a Regência Trina e Regente após (Regência Una). Aquêlê mestiço extraordinário, por vêzes intransigente no cumprimento do dever, em quem João Ribeiro viu "a energia de seu tempo", se "não era um grande erudito" foi "um campeão da autoridade" (6). Feijó representou um dos principais mentores da Unidade Nacional.

Num período seriíssimo para a sorte do País, em que o exemplo vizinho fôra, pouco antes, o fracionamento dos grandes Vice-Reinados Espanhóis, em múltiplas Repúblicas — sômente o alto espírito dos Estadistas de então pôde preservar a integridade política e territorial do Brasil.

VIII. A vinda da Família Real Portuguesa (1808) que, em razão da extrema bondade e contagian-

te simpatia do Príncipe Regente e revelado amor ao País, apagou de todos, velhos ressentimentos, que havia antes da Independência de que é exemplo conhecido o anedotário popular: "esta é de português". E realizou a Independência de fato.

IX. A ação pacificadora de Caxias, no Norte, no Centro e no Sul, durante a Regência, após a Maioridade e junto aos Farroupillhas, no Rio Grande do Sul. E, após, na Guerra do Paraguai quando generalíssimo, conduziu-se na Paz Vitoriosa como um verdadeiro pacificador da Família Ibero-americana.

X. Finalmente as Tropas e Tropiceros, não porque constituam o último dentre os mencionados Fatores de Unidade Nacional, porquanto outros — antes e depois — certamente houve vez que a História constituiu um encadeamento por vèzes complexo de fatos em que as conseqüências de uns são as causas de outros muitos.

Se é certo que o Bandeirismo representou o desbravamento do Sertão interior, o Tropicero foi, sob vários aspectos, o verdadeiro povoador, como veículo do comércio e através desta atividade útil do homem, o portador do intercâmbio econômico e social (7). Enquanto aquêles, numa ação violenta, na azáfama da caça ao índio, menos povoaram do que despovoaram, ao passo que os últimos, sem qualquer ânimo de luta representaram verdadeiro formigueiro por invias veredas, através dos "pousos de tropas" fizeram surgir florescentes cida-

des de que são exemplo no sul, em linha intermediária entre Vacaria e Sorocaba: Lajes, Rio Negro, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro — tôdas depois com a sua rua das Tropas, quase sempre a principal (também Curitiba: a Marechal Deodoro, depois).

* * *

O Centro — coração do País — a princípio e durante largo espaço de tempo, enquanto senão exauriram os velos auríferos, a região das Minas Gerais, (9) onde a atividade mineradora absorvia tôdas as atenções em detrimento de atividades outras — v. g. agrícola-pastoril, — para o seu abastecimento, supriam-nos diferentes e recuados pontos do país: Piauí, Pernambuco, Bahia (Norte), Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo (Centro), Paraná (10), Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em "bruacas" pendentes de "cangalhas" (11) sôbre o lombo de mulas que as mercadorias chegavam às zonas mineradoras.

E mais tarde, esgotadas aquelas fontes econômicas do ciclo da mineração, "pari passu" ao "ciclo do couro" (7) ou da pecuária propriamente dita — outro Ciclo, o agrícola-mercantil (Café), despontava em S. Paulo, — o mesmo afluxo que se verificara no "coração do País", deslocar-se-ia para o rincão dos bandelrantes em demanda às fazendas de Café, para supri-las de muareas como animais de tração.

Surgia, assim, Sorocaba com as suas famosas e concorridas Fel-

ras, de mal. E, se, sob o ponto de vista intelectual aquela cidade não desempenhou o mesmo papel que Olímpia para os gregos foi, contudo, a "Polis" brasileira em sentido comparativamente "mirim", no cômputo do vasto panorama histórico da Civilização, representou, sem dúvida, relevante papel para os fastos de nosso passado.

Foi o ponto de convergência, de intercomunicação comercial e sentimental. E por que não dizê-lo — "cultural" pois "cultura" é ato ou efeito de cultivar. "Cultu-

ra" é pensamento. Cultura é Civilização.

* * *

Tão grandes exemplos de dignificação da Pátria devem servir de estímulo para que conservemos incólume a Unidade Nacional, conquistada, não a preço bélico, nem pela usurpação, mas pelo valor de nossos antepassados; pela clarividência diplomática e patriotismo de nossos estadistas, pelo denôdo heróico e épico de nossos ousados Bandeirantes e Tropeiros.

NOTAS

(1) Cidade grega próxima ao Monte Olimpo (2880 m alt.) entre a Macedônia e a Tessália, segundo a lenda, residência dos deuses e em cujo ápice reuniam-se em conselho, sob a presidência de Zeus (Júpiter) para as grandes "deliberações sobre assuntos" do céu e da terra".

(2) Pedro Calmon — "História do Brasil".

(3) Exemplos: Norte — Cabo de Santo Agostinho — "Maragogipe" (rio dos maracujás); Sul: São Vicente — Piratininga (peixe fácil, visível — SP).

(4) "O Tupi foi o índio com quem o português mais privou". Possuía a língua geral que o colono começou logo a falar. Esta língua foi o "fermento" da unificação entre "portuguêses" e "índios", foi o agente da agregação política. — Jaime Cortesão, historiador português recentemente falecido.

(5) Regimento que nomeou Tomé de Souza.

(6) João Ribeiro — "História do Brasil".

(7) A maior significação (político-social), porém, do ciclo do gado, é ter proporcionado a ligação geográfica dos movimentos de expansão da Bahia e de S. Vicente, de Pernambuco e do Maranhão unidos, no norte de Minas, no primeiro caso, no interior do Piauí ou do Ceará no segundo, por intermédio dos "passadores de gado" processou-se a verdadeira união terrestre do Sul, do Centro, do Nordeste e do Norte. Hélio Viana — Hist. Adm. e Económica do Brasil.

(8) "Para que essa Capitania (Rio de Janeiro) e as mais do Sul abundem em gados e se possam prover com eles as Minas.

"Me pareceu ordenar-vos deis de Sesmaria a maior parte que vos fór possível das terras dos campos das Minas" Carta Régia de D. João V. (7 maio 1703).

"Os campos não têm fim. O número de gado são milhões". — Pe. Simão de Vasconcelos.

(9) "As Tropas e Tropeiros, de tôdas as proveniências para tôdas as direções são os vasos e nervos que comunicam os órgãos brasileiros entre si" Roberto Simonsen — Hist. Económica do Brasil.

(10) "Encontramos, ainda em 1723, o bando de D. Rodrigo C. de Menezes (Governador da Capitania de S. Paulo) permitindo o transporte de gado vacum do sertão de Curitiba e dos Campos de Vacaria para as Minas de Cuiabá — Gen Borges Fortes — "Cristóvão Pereira".

(11/12) Cruzeta de couro sustendo 1 par de "malas" quadradas de "couro cru".